

## DIETA PARA UM PEQUENO PAÍS ATERRADO...



*Os holandeses são conhecidos por suas paisagens dominadas por canais pitorescos e moinhos de vento. Mas, sob o visual bonito, existe um profundo conhecimento sobre como sobreviver e ter sucesso – graças a serem lógicos, criativos, colaborativos ... e “generativos”. O livro “Dieta para um pequeno planeta”, que deu origem ao movimento alimentar mundial, surgiu numa época em que todos perceberam a imagem da Terra como um pequeno mundo, lindo e vulnerável, que só poderia sobreviver se as pessoas trabalhassem duro para protegê-lo.*

*Nos Países Baixos, essa percepção e esse instinto têm sido uma segunda natureza para os holandeses.*

### **Um pequeno país e os pequenos movimentos alimentares que poderiam.... por serem “generativos”**

"Você não é muito se você não é holandês", meus amigos costumavam me provocar, sempre que eu mostrava a minha surpresa com o impacto excepcional dos agricultores holandeses que se estabeleceram no Canadá. Durante a década de 1950, eles emigraram, jovens e quase sem dinheiro, para muitos locais da América do Norte que ofereciam terrenos de baixo custo, porém férteis. Quando, anos depois, eles se aposentaram, já eram casos para estudos sobre como ser bem-sucedido quando se tenta realmente. Eles tiveram êxito tanto nas suas fazendas individuais quanto ao se organizarem em comunidades, reunirem-se em associações e desenvolverem outros esforços coletivos – incluindo grupos para divulgar e promover suas fazendas e produtos e cooperativas de alimentos orgânicos.

Então, não me surpreendeu quando a Holanda atraiu a atenção global no outono de 2017, como resultado de um artigo publicado pela [National Geographic](#), elogiando a produtividade excepcional de seu setor de alimentos. Este pequeno país, com poucas vantagens geográficas óbvias, é hoje avaliado como o segundo maior exportador agrícola do mundo – atrás apenas dos Estados Unidos - país muito maior e mais favorecido geograficamente.

Resultados igualmente marcantes são evidentes na liderança holandesa entre os movimentos alimentares alternativos e emergentes.

**Henk Renting**, entrevistado extensamente neste artigo, é um exemplo.

Henk se qualifica como um dos principais especialistas em alimentos do nosso tempo, tendo sido autor ou co-autor de cerca de 65 artigos citados em importantes revistas acadêmicas. Os títulos deste escritor em tempo parcial ocupam mais de 16 páginas do [Google Scholar](#).

O trabalho de Henk em seu pequeno país (e no mundo) é garantido por uma pequena organização conhecida como RUAF. A importância da [Fundação RUAF](#) supera em muito o seu tamanho quando se trata de defender a agricultura urbana e a segurança alimentar. Mas eu não entrevistei Henk sobre as ideias que surgem de sua mesa na RUAF, ou mesmo da mesa de toda a RUAF... Eu queria aprender os segredos do papel de Henk como um “pensador generativo”.

Apreendi sobre a importância de ser generativo com o meu mentor de comunicações, Barry Martin, da [Hypenotic](#), em Toronto. Barry acredita que o sucesso dos movimentos alimentares resulta de ele ser intencionalmente generativo.

“Generativo” refere-se à capacidade de construir algo incrível a partir de algo simples e modesto, porque se está trabalhando com o recurso mais poderoso do mundo – uma ideia disseminável cujo tempo chegou.

O Poder Generativo dá, a uma pequena nota de rodapé enterrada no final de um artigo em um jornal obscuro, a capacidade de inspirar alguém sobre as possibilidades de uma nova maneira de pensar, organizar e agir.

Como o pequeno gerador que alimenta um gigantesco caminhão.



*Ao lado, Henk no mercado de produtores de Brickworks tirando fotos para capturar o seu potencial generativo – e se preparando para a nossa entrevista.*

Barry Martin pediu-me para entrevistar alguém que fosse generativo. Sua sugestão levou-me a pedir uma entrevista com Henk, que estava visitando Toronto naquele momento. Para minha surpresa, Henk já sabia sobre o que eu queria perguntar, e já sabia que generativas eram as ideias às quais vale a pena dedicar seu tempo.

Nós nos aquecemos para a nossa entrevista durante um passeio pelo mercado de produtores no Evergreen Brickworks, em Toronto, um local generativo para quem se pergunte se os edifícios antigos e decrépitos podem ser restaurados como lugares de nível mundial para a conexão com a natureza e o comércio de alimentos produzidos localmente.

Então nos sentamos com um gravador durante o longo almoço no Café Belong – outro local generativo para quem se pergunte se os alimentos locais autênticos, preparados pelo chefe Brad Long (B.Long, belong, notaram o trocadilho?), podem atender ao profundo anseio humano e inspirar respostas capazes de serem replicadas e adaptadas por outros grupos comunitários em todos os lugares

Espero que esta introdução tenha provocado o seu interesse no que Henk tem a dizer sobre a força generativa da natureza por trás do movimento de alimentos aparentemente com pouco apoio oficial ainda hoje.

### **Sorte, preparação e oportunidade**

Como um golpe de sorte, Henk estudou na universidade com Jan Douwe van der Ploeg (foto ao lado), famoso por defender a sabedoria dos produtores de alimentos. Ele se chama "professor ambulante", em homenagem aos professores itinerantes que andavam de fazenda em fazenda entre 1880 e 1920, como forma de aprender com os produtores rurais e divulgar as suas melhores práticas, incluindo as cooperativas agrícolas. Um pioneiro generativo !!

**P:** Tanto você como a RUAF são conhecidos e confiáveis por suas pesquisas aplicadas. Imagino que deve haver algo generativo sobre como isso aconteceu.

**R:** Meu avô era fazendeiro, mas ele era muito erudito. Quando ele precisava construir algo, ele queria um livro sobre isso. Ele construiu um violino dessa maneira. Ele inspirou meu pai a ser engenheiro civil no campo agrícola. Meu pai era como um parceiro para mim quando fiz minhas pesquisas.

Estudei em [Wageningen](#), a famosa universidade de pesquisa em agricultura, e me formei em 1989 com um mestrado em ciência ambiental e outro em sociologia rural.

Mas logo senti que as pesquisas aplicadas me chamavam. Desde o início dos meus estudos, queria fazer uma diferença para a sociedade e o meio ambiente. Meu coração estava com as ciências sociais, o que me deu uma maneira de misturar meus cursos universitários com meus interesses do ensino médio no anarquismo, no marxismo e nas mudanças sociais.

Eu ainda obtenho satisfação ao usar a pesquisa para promover mudanças sociais. Essa é uma das razões pelas quais fui contratado pela RUAF, onde a advocacia de propostas decorre das pesquisas realizadas – e não o contrário. Isso vem em parte do fato de que todos nós temos um histórico em Wageningen.

Colocar pesquisas e fatos em primeiro lugar é uma tradição holandesa. Nós sempre fomos uma nação comercial, então aprendemos a nos dar bem com pessoas que têm sistemas de crenças totalmente diferentes. Quanto mais as decisões se baseiam em fatos observados, melhores são as relações com pessoas que têm pontos de vista diferentes.

*Aja localmente, pense generativamente !!*





Ao lado, as três fases da inovação: generativa, avaliativa e experiencial

**P:** Como você começou neste trabalho?

**R:** Quando me formei, como todos os jovens na Holanda, fui chamado para o serviço militar. Porque eu era um objetor de consciência, recebi uma atribuição de serviço social na Farmers Foundation, uma organização não governamental que apoia os agricultores.

Foi aí que aprendi a fazer pesquisas de baixo para cima e a sistematizar informações. Trabalhávamos com agricultores, e isso me deu a capacidade de conversar com os produtores de uma maneira que nunca aprendemos em uma universidade agrícola. É uma ótima maneira de aprender sobre você e desenvolver a capacidade de trabalhar em diferentes ambientes.

Aconteceu que a organização onde fiz meu serviço comunitário foi criada por meu professor de graduação, Jan Douwe van der Ploeg, um famoso especialista em camponeses. Em 1992, pouco depois de terminar o trabalho de serviço comunitário, nos encontramos num ônibus. Ele perguntou-me o que estava fazendo, e eu disse que estava procurando um emprego. E ele disse "venha trabalhar conosco". Uma semana depois, eu estava trabalhando com ele, sem que eu tivesse planejado nada. Tive a honra de trabalhar com ele até 2005.

**P:** Existe aí uma lição para os jovens de hoje, ou estamos apenas falando de sorte cega?

**R:** Muitas vezes, grandes mudanças vêm inesperadamente. Você segue um palpite, e as coisas se encaixam. Meu conselho é: se você estiver nesse ponto, siga o palpite. Eu diria aos alunos que estão trabalhando de forma muito planejada: muitas vezes a vida não funciona dessa maneira!

É melhor estabelecer redes e procurar lugares onde você possa coincidir com pessoas. As oportunidades aparecerão.

**P:** Como era ser pesquisador universitário?

**R:** Em pouco tempo, eu estava no bom caminho para uma promissora carreira acadêmica, como funcionário permanente, pesquisador, coordenador de pesquisa e professor, apesar de eu ter apenas dois mestrados.

O professor Van der Ploeg tinha muitas ligações internacionais, então eu consegui trabalhar com líderes no Reino Unido e no Brasil. Em 2002, por exemplo, trabalhei com Terry Marsden de Cardiff, País de Gales, para escrever o primeiro artigo acadêmico sobre "cadeias curtas de abastecimento alimentar", que muitas pessoas dizem que antecipou o movimento alimentar local. E através do grupo de pesquisa de Eduardo Sevilla-Guzman, em Córdoba, Espanha, entrei em contato com redes em torno da agroecologia, que estava apenas começando a ganhar visibilidade internacional.

Mas depois de dez anos, senti que estava perdendo meu contato com as mudanças práticas. Eu estava coordenando projetos, escrevendo relatórios anuais e os termos para um próximo projeto. Não sujava mais as minhas mãos com a terra. Eu estava vivendo demais dentro da minha cabeça. Comecei a perder o sentido de por que razão estava fazendo aquilo.

Chega um momento na vida de todo jovem quando ele quer se afastar do computador e fazer mais buscas e menos pesquisas

A universidade estava impondo aceleração e cortes no orçamento. Quando comecei, eu podia trabalhar em um município e fazer um projeto de seis meses por uma quantidade de dinheiro modesta. Então, de repente, só interessavam os grandes projetos com grandes orçamentos.

Você não podia optar por maneiras mais baratas ou acessíveis para fazer pesquisas. E os pesquisadores precisavam de maiores credenciais formais, como doutorados, e era necessário ter estudantes de pós-graduação trabalhando para eles.

A outra razão era mais pessoal. Eu tinha um relacionamento bom, mas de longa distância, com uma mulher na parte espanhola do País Basco. Mas o tempo todo vivia sozinho e trabalhava muitas horas. Senti que precisava de uma vida mais real. Eu estava totalmente preso. Percebi que, se continuasse daquele jeito até me aposentar, eu iria morrer antes.

Quando tomei a decisão de sair em 2008, criei a liberdade para mim - paz interna e espaço para mudanças.

## A alegria dos alimentos

**P:** O que podemos aprender com sua experiência no país basco?

**R:** Primeiro, eu vivi na cidade velha de Bilbao, minha primeira experiência em uma cidade real, com fascínio metropolitano. Trabalhei como pesquisador autônomo e como consultor. Então me mudei para a cidade de Vitoria-Gasteiz, para pesquisar a Fundação Zadorra, como ajudar as pessoas jovens da cidade a se estabelecerem na agricultura, e como levar alimentos locais e orgânicos às refeições escolares. (Sobre a Fundação Zadorra, que tem grande importância por causa do movimento de independência na Catalunha, [ver aqui](#).)



*Como aluno de graduação, Henk coordenou reuniões de estudantes e agricultores durante visitas de campo para a Fundação dos Camponeses*

Eu percebi que todos os meus motivos para abandonar meu trabalho universitário eram importantes. Eu estava realmente encontrando meu caminho para coisas novas. Eu estava fazendo projetos de campo na comunidade – trabalhando em hortas escolares, hortas comunitárias, encontros comunitários alimentares, reuniões anuais de agricultores, pesquisadores e consumidores urbanos, feiras locais, seminários, degustações com moradores locais ... Foi muito divertido.



A Fundação Zadorra me ensinou alguns princípios fundamentais. Eles tinham uma regra brilhante: se você organizar um evento sobre comida, você deve servir comida.

Este princípio funciona de duas maneiras. Você traz a satisfação dos alimentos, mas também facilita o cronograma para o resto do dia. A apresentação de uma palestra PowerPoint sobre comida, de 45 minutos no estilo antigo, não vai funcionar!! As pessoas querem ter um evento social em torno da comida...

É por isso que elas vêm! Você traz a criatividade. Isso é o que realmente atrai pessoas!

É importante trabalhar com pessoas comuns. Elas querem experimentar coisas que sejam divertidas. O trabalho acadêmico e ativista pode ser duro, ambicioso e frustrante e, no final, tira a nossa energia.

Mas quando você organiza um festival, você está lá com cozinheiros e agricultores, você tem uma ótima refeição juntos, e todos trocam informações sobre a refeição. No final do dia, você tem esse tremendo sentimento de satisfação.

O mesmo sentimento acontece depois do trabalho com as crianças na horta da escola. No final do dia, você vê seus rostos felizes. Eles ficam encantados ao levarem uma cenoura para casa.

É muito agradável para mim ver isso aqui também, em todos os lugares de Toronto. Trata-se de qualidade de vida!

O movimento tem que aprender isso. É o oposto da visão marxista-leninista ou calvinista, ou mesmo em muitas reuniões de organizações de produtores, onde a regra parece ser: primeiro devemos enfrentar o sofrimento, para só depois chegar ao Reino!



*Henk trabalhou como pesquisador na Wageningen, uma universidade de pesquisa agrícola de classe mundial dedicada a "alimentos e um ambiente de vida saudáveis"*

### **O poder das conexões**

**P:** Mais alguma coisa que possamos aprender do País Basco sobre o trabalho com os grupos comunitários?

**R:** Essa ONG basca fez muito trabalho em hortas escolares e comunitárias no início dos anos 2000. Ela trouxe a agroecologia para a cidade. (Sobre o desenvolvimento dessas hortas, [ver aqui](#)). Porque seus integrantes compartilhavam uma língua em comum (o espanhol), puderam aprender sobre agroecologia de primeira mão com os praticantes da América Latina, onde essa prática se desenvolveu.

A rápida disseminação de ideias da América do Sul para a Espanha e o País Basco é um exemplo notável da globalização do pensamento do sistema alimentar e do compartilhamento de propostas entre os camponeses.

Todas as ideias se juntaram ao mesmo tempo, não um pouco de cada vez. Isso é resultado do poder das conexões.

Conexões nas questões relacionadas com a alimentação são essenciais. Estamos procurando reconectar a cidade e o campo. Estamos procurando reconectar os consumidores com a origem da comida. E estamos construindo e reconstruindo conexões entre alimentação e vida social, educação, saúde pública, economia e assim por diante.

A construção de pontes (também conhecida como infraestrutura colaborativa) é uma habilidade fundamental no setor de alimentos. Talvez ela possa se qualificar como uma ideia generativa?

A ONG com a qual trabalhei me ensinou a ser um conector. Reunimos pessoas de origens muito diferentes: uma jovem com raízes profundas entre militantes políticos da cidade, um homem que passara anos no Ministério da Agricultura, um professor de ensino médio muito experiente, um homem que conhecia praticamente todo mundo na horticultura orgânica e alguém ligado a redes de pesquisa agrícola. Nós nos dedicávamos a promover conexões e reuníamos mundos que anteriormente não se conheciam.

Esse é o desafio: como você constrói pontes? Porque a indústria alimentar nos desconectou a todos. Então, nosso trabalho busca conectar o *chef* e o produtor, que nunca se conheceram antes. É por isso que o movimento alimentar local é importante nas cidades e também ao seu redor. Não é apenas por razões ambientais. “Local” é onde você pode criar conexões.

Você não pode se conectar com o que está muito longe. A proximidade é a maneira de se conectar cara a cara. É por isso que a cidade é tão proeminente nos sistemas alimentares locais. É o pivô em torno do qual criamos conexões.



*Vitoria Gasteiz, no País Basco, foi um centro de alternativas sociais e agrícolas*

*O País Basco é um lugar ideal para aprender sobre alimentação como uma oportunidade para Conectar a Comunidade e Celebrar a vida (o Triplo C da comida alternativa)*



*Henk com colegas da Fundação Zadorra e visitantes de intercâmbio internacional no escritório da União dos Agricultores Bascos, em Vitoria-Gasteiz*

## **Conectando a agricultura urbana**

**P:** E como lhe surgiu a agricultura urbana de tudo isso?

**R:** Provavelmente eu não teria sido apresentado à agricultura urbana se tivesse ficado na universidade na Holanda. Como uma universidade essencialmente agrícola, Wageningen estava mais fortemente ligada à agricultura rural.

A combinação da agroecologia com a agricultura urbana não existia em outros lugares. Essa conexão surgiu por causa da ideia generativa da agricultura sustentável com pouco uso de insumos (LISA – Low Input Sustainable Agriculture), porque as pessoas pobres nas cidades precisavam de métodos de produção de alimentos que não dependessem de fertilizantes e pesticidas caros, nem de equipamentos pesados. As condições dessas pessoas nas cidades favoreciam os circuitos fechados de baixo custo - construindo a fertilidade do solo através da reciclagem da água, dos restos de comida e do esgoto que, de outra forma, seriam desperdiçados.

*A RUAF publica a Revista de Agricultura Urbana; a edição de outono / 2017 trata da agroecologia urbana, uma mudança de nome e de mentalidade para a agricultura urbana)*





A RUAF surgiu dessas experiências em 1999. Ela brotou de uma organização chamada ETC, que servia como incubadora para muitas outras organizações, e da ILEIA, que trabalhava com agroecologia, como uma forma de "agricultura de com poucos insumos externos".

## Como se tornar um conector de alimentos?

**P:** Como alguém se torna um conector de movimentos alimentares?

**R:** Primeiro, é muito importante ouvir e tentar ir além do seu interesse setorial ou especializado. Infelizmente, isso não é fácil. As recompensas na forma de publicações e promoções são o normal para alguém se tornar um especialista. Isso desencoraja ativamente a construção de pontes. Temos que romper com as forças anticonexão, que incluem as disciplinas acadêmicas e os departamentos governamentais.

*Henk trabalhando numa horta comunitária com moradores de Vitoria-Gasteiz no País Basco*

**P:** Há uma lição de sua vida no sentido de viajar enquanto ainda se é jovem?

**R:** Eu não acho que seja necessário ir para o exterior, mas sim ir até onde há uma experiência inesperada, que pareça interessante.

Vá para um lugar onde você possa fazer algo, que diga algo ao seu coração, ou onde você ache que pode fazer alguma mudança. Sair do convencional lhe dá mais oportunidades de aprender e descobrir os próximos passos.

**P:** Como você deixou o País Basco e voltou para casa?

**R:** Por volta de 2003, voltei para casa para cuidar de meu irmão, que tinha um câncer terminal, e para apoiar meu pai, que então estava sozinho. Enquanto eu estava lá, fui convidado a trabalhar com a RUAF.

Eles me escolheram por causa das minhas redes europeias e links de pesquisa. A RUAF tinha excelentes conexões em todo o Sul Global, mas eles queriam desenvolver mais apoio no Norte, igualmente.

**P:** O que podemos aprender com a RUAF, que realmente funcione?

**R:** A força da RUAF é a sua capacidade de conectar todos os tipos de esferas globalmente. Recebemos financiamento de governos e fundações de todo o mundo. Outra força é a rede internacional de indivíduos - pessoas que sentem uma profunda conexão pessoal com a RUAF. Isso mostra a importância de ter uma revista regular e de investir em pessoas e relacionamentos.

Eu acho que a nossa principal força é a pesquisa orientada para a ação e baseada na prática. Tentamos tornar as informações visíveis, sem assumir uma posição política, para que as pessoas possam fazer suas escolhas.

Isso se encaixa com nossa concepção de como podemos mudar as coisas. Podemos nos relacionar e nos comunicar com uma grande variedade de pessoas que trabalham em torno da agricultura urbana de um modo como apenas poucas organizações podem fazê-lo. Somos reconhecidos por ativistas, mas também por pessoas que trabalham em política urbana e políticas internacionais. Podemos conversar com todas essas pessoas e participar de todas essas redes.

**P:** De onde você acha que vem essa abordagem?

**R:** Pode vir do fato de sermos holandeses. Temos uma história de comércio. Os comerciantes devem se comunicar e mediar com todos os tipos de pessoas. E temos uma tradição de "política de aterros" porque vivemos em terras baixas, tomadas ao mar, que correm o risco de se inundarem caso os diques se rompam. Se você mora com pessoas em uma área aterrada, você precisa resolver os problemas, ou vai se afogar. Você precisa conversar com todos. Você precisa levar todos a bordo.

Para mim, ser um pesquisador e um ativista é a mesma coisa. A RUAF faz pesquisas que desempenham um papel no desenvolvimento conceitual – como definimos e sistematizamos as coisas e identificamos suas funções. Isso é essencial para projetar estratégias.

Você só pode desenvolver boas políticas se você for claro sobre o que é a agricultura urbana e quais são suas funções sociais e econômicas. Temos uma definição prática para os conceitos teóricos. Nós os dividimos e vemos se podem abrir uma nova perspectiva, sugerir uma nova política. É assim que relacionamos o conhecimento com a mudança social.



## Reconectando-nos com nós mesmos

**P:** Bem, isso levanta a questão: o que é a agricultura urbana?

**R:** Existem muitas agendas que podem ser ligadas à agricultura urbana.

Uma é uma agenda humana. Eu costumava ajudar a cuidar de grandes hortas nos meus dias de graduação, e também quando estava no País Basco, porém penso que ela é muito mais do que uma maneira prática e de baixo custo para obter alimentos para o consumo.

Cultivar alimentos é a maneira mais básica e primordial de como os humanos podem se conectar à natureza. Trabalhamos com solo, sementes e plantas em coprodução com a Natureza. A comida não é igual a qualquer outro produto tradicional. Ela se torna parte de nosso corpo, então nos tornamos um com ela – como no aforisma “você é o que você come”, em um sentido muito ontológico. É por isso que comida e horticultura são muitas vezes ligadas à espiritualidade, e são vistas como tão essenciais para o significado da vida.

*Dois jardineiros se conectam entre si e a terra no St. Louis City Seeds Garden*

Para mim, a agricultura urbana significa uma conexão com a terra. A cidade é um ambiente construído, separado da Natureza, e a agricultura urbana é uma maneira de trazer essa conexão com o mundo natural (tipicamente rural) para o ambiente urbano, construído, e redescobrir essa parte de nós mesmos.

Não vejo a agricultura urbana como a solução do problema de como alimentar o mundo. A agricultura urbana está mais ligada às relações sociais, culturais e educacionais do que à produção. Ela se volta mais para os consumidores que querem se envolver.



A agricultura urbana também pode ser vista como parte do movimento de realocação da produção alimentar, para superar as enormes distâncias que hoje a comida viaja até chegar à cidade. Precisamos reorganizar os alimentos de forma mais territorial, para que os alimentos possam crescer mais perto da cidade - inclusive dentro da cidade.

### Um novo setor

A agricultura urbana faz parte da construção dos três pilares e das parcerias de um novo sistema alimentar - o setor privado, o setor governamental e o setor da sociedade civil. Quando vivi no País Basco, pude perceber que o governo já não era mais o centro das inovações na formação do futuro da indústria e da sociedade. O governo passou a ver as suas funções mais como criar as condições de mercado para que as empresas pudessem prosperar, e é isso mesmo.

Ela é uma atividade importante, onde a sociedade civil está tomando o controle da sua alimentação como uma questão social. A gastronomia é outra parte. As pessoas redescobrem a alimentação, e querem ser qualificadas e requalificadas e muito competentes. É uma questão de controle social, das estruturas sociais, e de mais autonomia na vida cotidiana.



*Uma horta medicinal na Argentina também é um local onde as pessoas se conectam, e o riso se torna o melhor remédio...*

Se você olhar para onde há um movimento alimentar bem-sucedido, lá estão organizados os três pilares - governo, setor privado e sociedade civil. Lá existem conselhos de políticas alimentares e assembleias de cidadãos. Você pode ver isso na última rodada de eleições municipais na Espanha, onde novos líderes com uma agenda marcadamente municipalista foram eleitos em Madri e Barcelona.

### Por que o Pacto de Milão pode virar esse jogo?

**P:** Eu acho que este tema está relacionado ao Pacto de Milão sobre Política de Alimentação Urbana, de 2015, que tem seções que tratam de marcos de ação bem abrangentes. Como você se envolveu nele, e como todos nós podemos nos envolver agora?

**R:** A RUAF contribuiu um pouco na seção do marco de ações do [Pacto de Milão](#). Pessoas daquela cidade nos contataram porque alguém do gabinete do prefeito local tinha participado de uma sessão de estudos conosco anos atrás. Também trabalhamos bastante com Thomas Forster, dos EUA, que coordenou várias questões técnicas no Pacto.



*Marielle Dubbeling, diretora da RUAF (e de Henk), colaborou na preparação do Pacto de Milão, e estava lá com ele por ocasião da assinatura do documento. (foto de Arthur Getz Escudero)*



*Cerimônia de assinatura do Pacto de Milão de Política Alimentar Urbana, que pode muito bem ser um fator de introdução de ações generativas na forma como as cidades se envolvem com o sistema alimentar global.*

Penso que o Pacto de Milão sobre Política de Alimentação Urbana é um "virador de jogos". O fato de termos agora esse Pacto mudou a realidade. Dá aos governos e aos movimentos sociais dos municípios do mundo um roteiro e também permissão para iniciar a jornada.

O Pacto foi apresentado como um dos pontos altos da Exposição Internacional de Milão, realizada em 2015. Seu lançamento contou com a presença de altos funcionários das Nações Unidas, incluindo o seu Secretário-Geral e o Diretor-Geral da FAO. Esta foi a primeira vez em que tal reconhecimento oficial foi dado ao papel das cidades com relação aos sistemas alimentares sustentáveis.

E ele é aberto o bastante para ser verdadeiramente generativo – é uma declaração geral sobre os princípios da segurança e da governança alimentares, e uma agenda de ação que inclui 37 pontos. Basicamente a Declaração diz para quem for inspirado por ela: "faça com isso o que você quiser".

É o primeiro documento de alto nível que define um marco de integração e de longo alcance para programas e políticas alimentares urbanas. As cidades que achavam que estavam limitadas a trabalhar com alimentação e desenvolvimento econômico, agora têm uma base credenciada para justificar iniciativas alimentares, porque criam empregos, estimulam a economia local, e promovem a sustentabilidade, a resiliência e – muito importante – a inclusão social e a equidade.

Com base em políticas favoráveis, a Declaração é incisiva na questão do acesso à terra, um fator crítico, e da inclusão social – duas questões que muitos governos negligenciaram no passado, preferindo apoiar as ações em torno do clima, mas não da justiça social. Ela não é constituída apenas por generalidades. O marco que propõe ações reúne 37 pontos muito concretos.

Minha preocupação é que, no início, trata-se de uma [declaração de mais de 150 prefeitos](#). Mas não pode permanecer apenas como um texto oficial de governos. Se for assim, não vai funcionar. Precisa ser muito mais amplo.

Deve ser um texto para todas as pessoas urbanas - especialmente para o setor privado e a sociedade civil. O perigo é que se torne outra declaração formal, e nada realmente aconteça na realidade. Não há desculpas para isso no Pacto. O Pacto é muito claro ao declarar que todos as secretarias e departamentos das prefeituras devem trabalhar juntos nas questões alimentares, e enfatiza a igual importância do governo, do setor privado e da sociedade civil. Este é um reconhecimento muito importante para todos os três pilares.

O que é realmente decisivo é encontrar alguma maneira de se conectar com o que está acontecendo no chão. Gostaria de ver intercâmbios de cidades em diversas reuniões regionais para aprendermos um com o outro, com as municipalidades enfatizando temas específicos e se encontrando para aprender e ensinar mutuamente.

Por enquanto é muito generativo. Está criando sua própria realidade. As pessoas podem mostrar o documento e dizer: "Olhe aqui! Devemos fazer alguma coisa!"

**P:** Talvez os mais de 300 conselhos de política alimentar existentes no mundo possam inscrevê-lo, e trazer grupos da sociedade civil para bordo?

**R:** Isso seria ótimo !!





*“Polders” (aterrados) são muito generativos.*

*Onde há deltas (muitas das grandes cidades do mundo são construídas em deltas) existem condições para polders) e oportunidades para agricultura com base na cooperação intensiva, como na Holanda.*

*Na foto, um "polder" em Bangladesh.*

[Read the original article here](#)  
[Diet for a Small Polder](#)

Traduzido por / translated by  
[jmoura@agriculturaurbana.org.br](mailto:jmoura@agriculturaurbana.org.br)  
<http://agriculturaurbana.org.br/>



Se você gostou desse artigo, inscreva-se acima para seguir outras publicações, e me mostre sua simpatia dando uma “curtida”. E para obter outros artigos que escrevo, assine o meu boletim informativo gratuito sobre alimentos e cidades em [bit.ly/OpportunCity](http://bit.ly/OpportunCity)

Wayne Roberts dá palestras e consultoria internacionalmente sobre questões que ligam os alimentos às cidades. Conselhos de política alimentar e centros alimentares são as suas especialidades.